

**OFICINAS DO TEMPO:
O ESPAÇO DO ATELIÊ DE CERÂMICA COMO POTENCIAL CRIATIVO NAS
PRÁTICAS EDUCACIONAIS.**

Alex Sandro Elizalde Perleberg
Professor de Arte Educação na Escola Santa Izabel
Coordenador do projeto Cerâmica de Candiota
Coordenador do projeto Mais Cultura nas escolas

projetoceramicadecandiota@gmail.com
Telefone 55 053 99064903

Modalidade: Las prácticas de la Educación Artística situadas en tiempos y lugares específicos.

RESUMO

Descentralizar. Buscar novas alternativas de promover o desenvolvimento Humano. Pensar fora da caixa. Repensar o papel da escola na contemporaneidade. Estas são premissas que tem servido de balizador para algumas propostas educativas no município de Candiota/RS/Brasil. Escolhemos como fios condutores destas ações, a Cultura e a Arte. A Arte e a Cultura são um modo privilegiado de conhecimento e aproximação entre indivíduos de culturas distintas, pois ajuda no reconhecimento de semelhanças e diferenças expressas nos produtos artísticos e concepções estéticas, que vão além do discurso verbal. Há mais de três anos esta proposta foi encaminhada à Secretária de Educação do Município, no início sofreu resistência por parte de alguns educadores, pois colocava lado a lado alunos da zona rural com alunos da área urbana do município. Hoje atendemos alunos da pré-escola até alunos das séries finais do ensino fundamental, participam pais e professores. Para isto adotou-se o espaço do Ateliê de Cerâmica. Com o objetivo de promover a igualdade social através das práticas educativas e de capacitar alunos da rede municipal de ensino de Candiota à prática da cerâmica artesanal como forma de expressão e inclusão social, este espaço não convencional de ensino se apresenta como um desafio para o aluno. Tudo é diferente. Não existe quadro negro, nem provas. As classes não passam de bancos e bancadas. Valores como respeito pelo próximo, o cuidado dos materiais e ferramentas são trabalhados diariamente. No ateliê se aprende história, química, arte e matemática ao mesmo tempo. Não existe distinção entre o fazer manual e o fazer mental. O atelier é um espaço de observação, de planejamento, de reflexão, mas principalmente - um espaço de criação.

Introdução

O texto que se apresenta, não pretende ser um texto acadêmico. Não surge dentro do ambiente acadêmico. Não nasce através de suposições e hipóteses. Este material surge de ações educativas realizadas no Município de Candiota, no extremo sul do Brasil, através do contato de alunos da educação básica do município com a argila e seus infinitos desdobramentos. Embora em alguns momentos o texto estabeleça diálogos com alguns autores que se aproximam da proposta do projeto e seja estruturado em formato acadêmico, a proposta é apresentar um projeto desenvolvido em *site specific*, que tem contribuído para a inclusão social e a construção interpessoal do conhecimento dos alunos através de atividades em um espaço não convencional de ensino.

A escolha da cerâmica, como recurso expressivo, se dá por dois motivos.

Primeiro; o município dispõe de uma grande jazida de argila que é facilmente extraída e de excelente qualidade.

Segundo; a argila é um recurso interdisciplinar por natureza. Com ela, ou através dela, o aprendiz desenvolve noções de matemática, geologia, química, física, história, arte. Somam-se a estes dois motivos o desenvolvimento das habilidades perceptivas e sensoriais dos alunos através do desafio de se relacionar em (com) um ambiente novo, diferente do espaço escolar. Este outro espaço denominamos, ateliê.

Acho importante antes de começar a discussão a qual o texto se propõe, informar como ele se dará. Escolhi incluir três pequenas notas iniciais para situar o leitor no tempo e no espaço. As notas discorrem sobre o que é o projeto, como se estrutura a cidade e de que forma é utilizada a matéria-prima, no caso a argila. A outra parte do texto propõe um encontro com alguns autores e o modo de fazer do projeto para traçar alguns pontos de fuga para o que convencionamos chamar de educação formal de ensino.

Nota sobre o projeto

Três anos se passaram desde o surgimento do projeto. Os primeiros encontros aconteceram de maneira tímida num espaço por se construir. Na época não se tinha as melhores condições para o trabalho. Mesmo assim, um grupo de aproximadamente 15 pessoas começou as atividades (imagem 01). Os encontros eram realizados duas vezes por semana à noite. Pouco tempo mais tarde o projeto recebeu aporte financeiro através do programa de apoio a projetos culturais da CRM – Companhia Riograndense de Mineração. O que possibilitou a aquisição de mobiliário e ferramentas adequadas para a prática. Em 2013 o projeto foi incorporado às propostas educacionais da SMED – Secretaria Municipal de Educação de Candiota. O número de alunos triplicou no mesmo ano e não parou mais de crescer. Hoje atendemos mais de 100 alunos. Da pré-escola as séries finais do ensino fundamental, com turmas mistas com alunos do campo e da cidade.

Nota sobre a cidade

O município de Candiota, que hoje se encontra em pleno crescimento na Metade Sul do Estado, está localizado na região da Campanha e situado há 390 km de Porto Alegre, a capital do Rio Grande do Sul. Com uma área geográfica de mais de 900 km² a população é composta por cerca de 10 mil habitantes, sendo que este número deve crescer consideravelmente nos próximos anos, em função dos empreendimentos que a cidade está recebendo. Candiota faz limites com as cidades de Bagé, Hulha Negra, Pinheiro Machado e Pedras Altas. Economicamente o município tem como base a extração de carvão e geração de energia, através das empresas CRM e CGTEE respectivamente. Entretanto há outras potencialidades, além das carboníferas. O município que mais gera empregos na região e que é o Polo de Desenvolvimento da Metade Sul do Estado, também está tornando-se referencia vitivinícola, ao lado de investimentos na bacia leiteira e Cerâmica.

Nota sobre a argila

A argila localizada na mina do município de Candiota – RS origina-se da deposição de siltes em pântanos antigos onde se desenvolveram as camadas de carvão com as quais ela está intercalada (imagem 02). Essa reserva de argila possui 1,50 a 1,80m de espessura na camada superior e 0.50 a 0.80m na camada inferior, num volume que varia de 117.500.000 a 39.000.000m³, respectivamente. A argila encontrada na mina apresenta variedades de cor – vermelhas, cinzas e amarelas – tem composição mineral como ferro, cobalto, cobre e outros. A argila é uma matéria plástica, úmida e de fácil manejo que permite a expressão tridimensional, possibilitando trabalharmos sem a preocupação de técnicas quaisquer como noções de perspectivas, luminosidade, refinamentos. Permite a manipulação como brincadeira, puxar, rasgar, furar, torcer, imprimir texturas e produzir outras formas.

Ateliê de Cerâmica - construção de um eixo alternativo para as práticas de ensino em Candiota/RS.

Poderia nesta parte do texto dialogar com muitos autores. Autores que criticam as relações de hierarquia dentro da escola, que reafirmam em seus livros e palestras que a escola embrutece o ser Humano. De Paulo Freire com suas pedagogias, Mil Platôs de Deleuze e Gatarri, Jorge Larrosa com sua *Pedagogia Profana*, a arte-educadora Ana Mae Barbosa e sua extensa produção sobre arte e educação a Giorgio Agamben que notavelmente resgata a importância da imaginação em *Infância e história*. Tantos educadores que escrevem e possuem práticas semelhantes. Talvez centenas de autores. Mas escolhi autores que tem me acompanhado nesses últimos dias e que, também, reforçam minhas inquietações sobre a escola como local sacralizado da ordem, da regra, de *depósito* de saberes.

A escola - salve algumas exceções ou propostas isoladas - sempre esteve centrada na assimilação dos conteúdos pelos alunos através da transmissão de informações dominantes preestabelecidas, priorizando horários e prazos, avaliações, datas comemorativas, atividades que se encerram nelas mesmas. Muitas vezes tornando-se um local pouco atrativo para os alunos. O

português José Pacheco, idealizador da Escola da Ponte, em palestra proferida em 2012 em Aveiro Portugal³ referiu-se a escola como:

...aonde esta o espaço da criatividade? Onde esta o espaço da aprendizagem? De modo que eu compreendi que todas as teorias que ainda hoje são usadas para recuperar a escola e fazer a revolução na educação não passam de fósseis. A escola transformou-se em um grande parque jurássico, onde o “burotrossauro” dirige a escola. Porque nas escolas não existe pedagogia. Existe burocracia.

Neste sentido o educador e psicólogo João Francisco Duarte Junior (2000) afirma: “... nosso modelo educacional voltou-se à inculcação de determinados valores desenvolvimentistas e modernizantes, sem considerar as origens socioeconômicas e o universo existencial dos educandos” (p. 130).

Este modelo que Duarte Junior se refere, foi trazido por especialistas norte-americanos, em 1966, quando foi firmado o acordo entre o MEC e a USAID - United states Agency for Internacional Development (Gadoti,1978). Existia na época uma vontade de aperfeiçoamento do sistema econômico e industrial brasileiro para suprir as necessidades de criação e instalação de modernas e poderosas indústrias multinacionais. O modelo adotado acabou fazendo com que as pessoas vindas de diferentes classes sociais vissem sua realidade a partir da ótica dominante, desprezando seus valores e aspirando aqueles que lhe são distantes e inacessíveis. As diferenças individuais e sociais foram niveladas através dos sentidos considerados objetivos e universais.

Como educadores, movemo-nos constantemente nesta tensão entre a produção e a imposição de uma verdade única e o surgimento de múltiplas verdades. Nas escolas, às vezes, oferecemos como realidade as interpretações dominantes.

3. Palestra exibida em Aveiro/ Portugal no formato TEDx. (R)evolução na Educação. 2012.
Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mxCPK0mRqC8>

Nós mesmos falamos em nome da verdade ou em nome da realidade e enunciamos imperativos como “a verdade é a verdade” ou “a realidade é a realidade” são demasiado em nossas bocas. (Larrosa, 1999, p.163)

De alguma maneira esta sistematização ainda está presente nas escolas nos dias atuais. Se compararmos imagens de salas de aula do século XIX com imagens de salas de aula atuais, percebemos que a maneira como se constitui ou se organiza a escola ainda são as mesmas. O professor com seu saber dominante, um espaço divisor vazio entre o que detém o conhecimento e os que estão para aprender, os alunos que se enfileiram atrás de classes a espera das matérias para copiar nos cadernos.

A escola e seus gestores deveriam repensar e inventar urgentemente novos modos de colocar alunos em contato com o mundo, para provocar movimentos de apropriação, desvendamento e criação. Permitir ao aluno a capacidade de escolha ou pelo menos o conhecimento dessas possibilidades. Para que realizem seus próprios recortes por interesse, afeto ou necessidade, no seu desejo de descobrir e inventar o mundo. O ateliê de Cerâmica de Candiota é um espaço que desorganiza essa hierarquia escolar. Se apresenta de uma maneira diferente (ver imagem 03 e 04), não se parece em nada com uma sala de aula. Mas é com toda certeza um local de possibilidades. Onde partimos das desigualdades, das dúvidas, de coisas que são de interesse coletivo e pessoal. Gostaria de fazer aqui uma pequena descrição do espaço e de como percebo a relação dos alunos que chegam pela primeira vez no ateliê:

“Uma grande sala. Um galpão. Com bancadas altas, banquetas altas. Tudo acontece ao redor. As estantes, o forno, os materiais, as peneiras, as ferramentas. As peças inacabadas. Os trabalhos das turmas anteriores. Cartazes. Imagens. Neste espaço busco outra pedagogia, uma pedagogia experimental - que produza o seu próprio método. Este processo parte de ensaios e erros, às vezes orientados por perguntas – genuínas curiosidades de manipulação – que vão traduzindo conhecimentos e apontando caminhos. Quando chegam os alunos pela primeira vez, eles não sabem nem subir nas banquetas. Não sabem onde colocam seus materiais. Olhos para todos os lados, na tentativa de encontrar, talvez, objetos familiares. Alguns brincam de direção com o torno de mesa, outros se atentam a examinar as estantes

povoadas com peças, vasos, vasilhas, esculturas, placas... após as conversas introdutórias e orientações gerais que incluem: a liberdade de sair da sala à hora que quiser, escutar música, usar o celular, ser responsável pela limpeza das ferramentas e da sala, contribuir na organização, na distribuição do lanche, bem como, cuidar do seu próprio lixo. Após essas orientações que nortearão todos os próximos encontros, acontece um momento mágico. O momento do sorriso, da gargalhada, que acontece de maneira espontânea, quando os alunos misturam a argila em pó com água (imagem 05). Não sei explicar porque isso sempre acontece, independente da idade. Depois desse momento mágico acontece um mergulho. Queda livre. É impressionante como os alunos ficam imersos em algum universo que até eu desconheço. São momentos de concentração, de criação, de viver aquela experiência, de cuidado, de sensibilidade. E a cada dia é nos colocado novas experiências, novas maneiras de resolver o que se apresenta.”

Quando descrevo minhas impressões sinto que estou partilhando com vocês leitores, a minha experiência. Experiências que nascem de maneira despretensiosa e tomam proporções que muitas vezes nem eu imagino. O texto me auxilia a perceber. A “tomar” conhecimento acerca daquilo que desenvolvo.

Existem inúmeros projetos sociais e educacionais que trabalham com argila ou com outras linguagens artísticas. Este projeto é mais uma ação que ultrapassa o espaço escolar, a fim de criar novas experiências e maneiras de ver o mundo.

Um fio condutor – Cerâmica.

A cerâmica é uma atividade com múltiplas conexões; relaciona-se com a forma e a cor, a textura e o esmalte, o fogo e as técnicas de fornear, a geologia e as extrações de argila e é essencialmente pura química e matemática para o aluno. Relaciona-se também com a mineralogia e a cristalografia, a arqueologia e as ciências antropológicas, a religião e a medicina, têm conexões diretas com a psicologia da arte e a terapia psicológica, com a história da arte seja como escultura ou como modelagem, e ainda com a indústria e o artesanato; enfim

não há como a cerâmica não ser abordada como uma atividade que congrega e que se relaciona com quase todos os ramos e aspectos da cultura humana.

Em muitas práticas educativas a argila é utilizada como recurso material para se chegar a um resultado. Nas feiras de ciências, por exemplo, é utilizada para confeccionar vulcões, na geografia para representar terrenos e tipos de solo, até pouco tempo atrás era utilizada para a confecção de cinzeiros nos dias dos pais e assim por diante. Alguns professores descartam este recurso, pois ele gera muitos inconvenientes nas escolas. Um deles é a preparação do espaço, uma vez que a argila suja muito as salas de aula que não são adequadas para a prática. No projeto Cerâmica de Candiota a argila assume outra função. Ela tornou-se um facilitador para a compreensão e a busca da subjetividade. A argila e o aluno unem-se num só, num momento de transformação exterior e interior.

Escolha de um método

Não existe um modelo metodológico pronto para o projeto. Este caminho se faz ao caminhar. Não foram criadas medidas de avaliação e nenhum roteiro a ser seguido. Este projeto busca favorecer uma consciência de si. Através de atividades práticas reflexivas com o uso da argila.

Poderia descrever os diversos matizes de comportamento que o trabalho com a argila provoca, mas não pretendo fazer nenhum tipo de generalização, e sim tentar localizar alguns pontos interessantes nas diversas atitudes que pude presenciar.

Foram realizados registros fotográficos e observações durante as aulas para documentar as experiências estéticas vividas com a argila. Ao longo da observação, milhares de situações interessantes ocorreram, desde o fascínio com a produção pessoal ou até a própria subestimação em relação ao trabalho e sua sucessiva superação (imagem 06). Vi desde o desapego e generosidade, com relação à própria produção até a possessividade extrema no relacionamento com as obras, chegando, neste último caso, ao fato extremo de, ao menor desencontro com o trabalho no sentido da sua localização espacial na sala, supor-se a possibilidade de haver sido roubado, revelando neste momento um grande sentimento de perda. Portanto, o universo das

relações simbólicas dos indivíduos com suas obras observadas são muito variados.

Considerações Finais

Em geral, as escolas tendem a considerar as atividades realizadas com a imaginação como tarefas de “tempo perdido”. Em busca desse “tempo perdido” é que conseguimos ganhar outro tempo, cuja potência criativa nos aproxima de outros modos do saber, da descoberta e da invenção. Os condicionamentos, a autocrítica, as convenções sociais, a necessidade de aprovação são aprisionamentos que pode se tornar em adoecimento. Por isso, trabalhar com a subjetividade tem sido uma necessidade, um caminho. Isso produz no aluno uma descoberta de conteúdos reprimidos que muitas vezes estão guardados no seu inconsciente, necessitando ser expressos.

Assim, ao tentarmos resgatar através de diversos movimentos, sejam eles os movimentos do corpo, das mãos amassando o barro ou através do movimento social de luta por uma sociedade mais justa, mais plena, mais criativa, estamos tentando resgatar a nós mesmos e a humanidade, utilizando-nos da ferramenta básica do ser humano para formar e transformar, que seria o nosso próprio corpo. Corpo este que, como unidade simbólica, funde através da sua ação no espaço, significante e significado, possibilitando um recriar e um renovar contínuo das relações simbólicas, das relações afetivas e das relações sociais.

Referências

Larrosa, Jorge, (1999), *Pedagogia Profana: Danças, Piruetas e Mascaradas*, Belo Horizonte, Brasil, Autêntica.

Gadotti, Moacir, (1978), *Revisão crítica do papel do pedagogo na atual sociedade brasileira (Introdução a uma pedagogia do conflito)*. Educação e Sociedade, São Paulo, Brasil, Cortez & Moraes/CEDES, 1978.

Duarte Júnior, João Francisco, (2000), *Fundamentos estéticos da educação*, Campinas, SP, Brasil, Editora Papirus.

Pacheco, J. [nome do usuário]. (2012, mês, dia). Mitos, utopias e moscas. (R)evolução na Educação. [Arquivo de vídeo]. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=mxCPK0mRqC8>

Anexos

Imagens

Imagem 01.



Perleberg, A. (2012). Primeira Turma do projeto. Candiota/RS

Imagem 02



Perleberg, A. (2012). Jazida de argila e carvão mineral. Candiota/RS

Imagem 03.



Perleberg, A. (2015). Interior do Ateliê de cerâmica. Candiota/RS

Imagem 04



Perleberg, A. (2014). Atividades durante as aulas. Candiota/RS

Imagem 05



Perleberg, A. (2015). Alunos preparando argila. Candiota/RS

Imagem 06.



Perleberg, A. (2015). Aluno construindo uma vasilha. Candiota/RS

